

AS ESTRATÉGIAS DE CONSAGRAÇÃO LITERÁRIA DE ANTÔNIO BOTTO

ANTÔNIO BOTTO'S LITERARY CONSECRATION
STRATEGIES

Oscar José de Paula Neto

Doutorando em Literatura Comparada
na Universidade Federal Fluminense

Resumo: O presente artigo investiga a busca de legitimidade do poeta português António Botto mediante a análise das estratégias empreendidas por ele para se autopromover enquanto escritor de sucesso. Assim, através da pesquisa na imprensa brasileira, refletimos acerca da repercussão de sua estadia no Brasil (1947-1959), pois a travessia transatlântica representou para o poeta a possibilidade de retomar o prestígio de escritor reconhecido, lugar que já declinava no círculo literário português. Para tanto, avaliamos os esforços de Botto na construção de sua própria trajetória literária, em que continuamente mesclou dados reais com fatos imaginados, revelando uma grande capacidade de autoinvenção.

Palavras-chave: António Botto, literatura portuguesa, biografia, autoficção.

Abstract: The present article investigates the Portuguese poet António Botto's search for legitimacy by analyzing the strategies he used to promote himself as a successful writer. Thus, through research in the Brazilian press, we reflect on the repercussion of his stay in Brazil (1947-1959), since the transatlantic crossing represented for the poet the possibility of resuming the prestige of a recognized writer, a place that had already declined in the Portuguese literary circle. To this end, we evaluate Botto's efforts in the construction of his own literary trajectory, in which he continuously mixed real facts with imagined ones, revealing a great capacity for self-invention.

Keywords: António Botto, Portuguese literature, biography, autofiction.

António Botto e a crítica literária

Em 17 de agosto de 1947, dia do seu aniversário de 50 anos, António Botto desembarcou no Rio de Janeiro para começar um novo capítulo de sua história: um exílio voluntário no Brasil. A travessia transatlântica representou para o poeta a possibilidade da retomada da posição de escritor reconhecido, lugar que tanto almejava para si e que já declinava no círculo literário português. Até o momento de sua vinda para o Brasil, Botto já passara por uma série de reveses: fora despedido do serviço público em 1942 devido a acusações que revelavam a indisfarçada homofobia que o circundava desde o seu lançamento na literatura; o crescente descrédito de sua carreira literária e intelectual; os recorrentes problemas financeiros; e uma atmosfera política repressiva a um escritor reconhecidamente homossexual, apesar de ele nutrir certas simpatias pelo regime salazarista.

Botto sentia-se perseguido em seu país, como também veio a se sentir no Brasil, como tantas vezes afirmou em cartas para amigos e conhecidos, assim como para a mídia brasileira durante os anos em que aqui viveu¹. Desse modo, a aventura em terras brasileiras surgia como a chance de reaver os seus momentos de maior destaque, obtidos precocemente durante as

¹ “Sou apenas vítima de mais uma intriga!” (*A Noite*, 07/05/1956, p. 2), ilustra o título de uma entrevista com António Botto em 1956, a qual o poeta afirma ser perseguido desde que chegou ao Brasil em 1947, por causa de críticas tecidas a Portugal, aos portugueses e ao campo cultural do seu país.

décadas de 1920 e 1930, período em que foi um dos escritores mais lidos e comentados de Portugal, apesar de todas as tentativas de censura. Todavia, cada vez mais, o interesse em torno de sua carreira foi deslocado da sua obra para sua personalidade peculiar. Em artigo do crítico português João Gaspar Simões do início da década de 1940, esse grande interesse sobre Botto por parte da crítica e do público fica evidente:

Poucos poetas portugueses terão sido tão estudados e discutidos em vida como António Botto. Alguns dos mais novos críticos portugueses lhe consagraram os seus primeiros estudos. Por quê? Que razões haverá para que assim seja? [...]

Para que um poeta seja discutido um só motivo basta muitas vezes: ser agressivamente original. É António Botto um poeta agressivamente original? Ergueram-se já contra ele os conformistas académicos? Não. Não é lícito considerar-se o poeta das “Canções” agressivamente original, mais lícito é, talvez, dizer-se que a sua poesia tem revestido, por vezes, aspectos originais, por se apresentar agressiva de certas normas e costumes. [...]

Sim: a personalidade de António Botto tem sido mais discutida do que a sua obra. Poesia francamente confessional, era natural vir a sofrer as consequências desse seu confessionalismo. A poesia de António Botto põe-nos diante de um dos mais delicados problemas do amor. (*Diário de Pernambuco*, 11/05/1941, p. 3)

Era esse interesse pela sua figura e carreira que Botto almejava encontrar no Brasil. Assim, pelo menos em seu início, tal empreitada pareceu viável, e o poeta foi recebido com pompas, festejado como um

dos maiores escritores portugueses contemporâneos. Porém, logo a experiência do exílio tornou-se atordoada e o poeta morreu pobre e doente, distante dos círculos literários brasileiros e portugueses, lembrado basicamente quando surgia alguma polêmica, que infelizmente foram consideráveis.

A obra do poeta, desde o momento da publicação do conhecido livro *Canções*, em 1921, causou polêmicas em Portugal, principalmente depois da nova edição pela editora de Fernando Pessoa no ano seguinte, onde defensores e detratores de importância no campo literário e intelectual elogiavam ou desprezavam sua poesia de maneira intensa, e acabaram por transformá-lo numa celebridade literária. Se *Canções* contou com o apoio de entusiastas de peso como Fernando Pessoa, Raul Leal e José Régio, também contou com a objeção de intelectuais, críticos e escritores que se opuseram contra o estilo de Botto e ainda mais sobre alguns dos principais elementos de sua reunião de poemas: o elogio à beleza masculina e o desejo homoerótico, apresentados de maneira naturalizadas, sem julgamentos moralizantes. Estes elementos de sua poética levaram-no a envolver-se no episódio que antecedeu, conhecido como “Literatura de Sodoma”, que consistiu na reação social à emergência do discurso homoerótico na literatura portuguesa nas primeiras décadas do século XX (LUGARINHO, 2003).

Infelizmente, apesar de toda a visibilidade trazida para Botto em decorrência do ocorrido, sua carreira

saiu chamuscada das incendiárias contendas e o poeta amargou até o fim da sua vida com os resquícios de tal polêmica. Mas, por outro lado, de forma estratégica, Botto também se apropriou dos elementos das discussões travadas em torno do seu projeto poético, tanto dos elogios quanto das críticas ofensivas, a fim de promover sua obra e construir em torno da sua figura uma personagem marcante que nunca deixaria de atuar. Independente do conteúdo dos comentários, fossem positivos ou negativos, o poeta ganhou o destaque almejado. Se por um lado isso causou empecilhos, também permitiu uma frente de atuação.

Cabe destacar que as indisposições geradas por uma crítica pouco disposta às modernidades introduzidas por Botto impactaram negativamente a forma como ele foi lido por seus críticos contemporâneos e pelos posteriores, relegando-o a uma posição de poeta menor no cânone da literatura portuguesa. João Gaspar Simões, em entrevista ao jornal *Diário de Pernambuco*, afirmou que a poesia de Botto abriu novos horizontes à expressão poética portuguesa, devido à simplicidade com que ele exprimiu os sentimentos, sem a ênfase, sem a eloquência e sem a retórica comuns até então (*Diário de Pernambuco*, 11/05/1941, p. 2). Todavia, o reconhecimento dessa participação importante para o modernismo literário português foi se extinguindo com o passar dos anos. Somada à estranheza de sua poesia no âmbito das letras portuguesas, muito influenciada pela música ligeira, prin-

principalmente o fado, e por outros elementos da poética popular, além das tradições literárias do cancionero e das tendências estéticas do século XIX, a explicitação do desejo homoerótico foi decisiva na recepção de Botto e da forma como ele seria reconhecido posteriormente. Ainda que o escritor tivesse um papel de importância naqueles anos iniciais do modernismo, o seu prestígio arrefeceu e ele ficou relegado ao quase esquecimento durante décadas, sem nem mesmo contar com novas publicações dos seus livros até bem pouco tempo. Felizmente, no bojo das novas preocupações da crítica e de pesquisadores e estudiosos no final do século XX, que passaram a buscar por escritores que ficaram à margem do cânone literário por preconceitos da sociedade, sua escrita homoerótica permitiu que ele ganhasse novamente algum destaque, em especial daqueles obstinados a redescobrir os desbravadores do discurso literário *queer* em Portugal.

Assim, partimos para o ponto central deste artigo, que é ponderar como estas nuances da personalidade errática de Botto, tidas como megalomaníaca e mitomaníaca, podem ser pensadas como parte da estratégia do poeta para almejar o reconhecimento literário que intentava construir para sua carreira. Tais estratégias foram arquitetadas inicialmente como forma de resistência aos inúmeros ataques sofridos, depois como possibilidade de resgate do prestígio, um grau de importância e relevância social e cultural, que sig-

nificativamente esvanecia-se com o passar dos anos. A pesquisadora Anna Klobucka chama a atenção para o fato de que a “megalomania imoderada” do poeta, tantas vezes citada pela crítica da época e replicada pela crítica subsequente pouco avaliadora do assunto, foi pouco explorada enquanto reveladora da sua variada e robusta veia de autoinvenção (2009, p. 66).

Tal capacidade autoinventiva acabou criando para Botto um personagem de si próprio marcado por notações e fatos biográficos claramente ficcionais: um escritor mundialmente famoso e celebrado por algumas das mais altas personalidades literárias da primeira metade do século XX, com dezenas de trabalhos publicados nos mais diversos idiomas. Apesar de figurar como poeta menor, mesmo durante a sua vida, Botto tentava continuamente afastar todas as críticas negativas e construir uma figura laureada e inquebrantável. Para o escritor, seu impacto era global e ele buscou, através de vários esforços, reforçar e circular essas informações na mídia. Não obstante todos os infortúnios que marcaram sua trajetória, o poeta empenhou-se em construir uma carreira de constante relevo perante a opinião pública, erigindo uma interessante mitologia pessoal, que por vezes beirou o absurdo, mas que ainda desconcerta e confunde até o presente, dada a sua grande inventividade.

Assim, as estratégias da invenção autobiográfica de Botto, que tanto foram alardeadas no meio midiático e na apresentação de seus livros, mostra-

ram-se eficazes, em certa medida, como formas de legitimar o seu talento literário e intelectual na realidade. Algumas delas começaram a ser gestadas ainda nos primeiros anos de sua carreira. Ainda que tais ações resultassem continuamente no escárnio por parte dos seus detratores, por outro lado permitiram possibilidades de atuação que certamente não seriam viáveis sem tais estratégias, principalmente no momento de expressivo ostracismo. Fingir a apreciação e o pertencimento a redes de sociabilidade de grandes escritores foi perspicazmente utilizado pelo poeta para alimentar uma densidade social e intelectual que lhe escapava no ambiente real de uma sociedade conservadora, como era a portuguesa. Nesse esforço em moldar a própria vida, Botto buscou continuamente superar os entraves oriundos de sua origem pobre e da falta de educação formal necessária para adentrar o elitista universo literário português das primeiras décadas do século XX, além de superar a contígua indisposição homofóbica que caminhava lado a lado com sua apreciação crítica (PITTA, 2018).

Desse modo, analisar estas estratégias utilizadas pelo poeta é pensar a maneira como ele também percebia as redes de sociabilidade, a atividade literária e intelectual, o cânone literário português e mundial e a maneira como seu legado seria relegado ao futuro. Botto ofereceu todos os componentes para uma apreciação crítica e uma canonização do seu legado bem

diversa da que se constituiu fora da realidade virtual construída por ele próprio.

As estratégias

No momento da morte de António Botto, em março de 1959, após ser atropelado por um caminhão do exército militar em Copacabana e de ter permanecido em coma durante alguns dias num hospital público na capital do Rio de Janeiro, o poeta atravessava o estágio mais delicado de sua carreira: estava doente, pobre e totalmente afastado dos círculos literários (SALES, 2011). Como bem destaca uma das várias reportagens que circularam nos periódicos brasileiros acerca do recente falecimento, Botto atravessava um período de ostracismo há alguns anos:

Lembre-mo-nos da ressonância que aqui teve sua chegada, despertando logo o interesse de todos, não somente pela projeção do poeta, sem dúvida, um dos maiores da literatura portuguesa contemporânea, como pela forma meio bizarro e extravagante que Botto se comprazia em compor, movido naturalmente pelo desejo de 'épater'. [...] Após o rumor feito em torno dele, nos primeiros meses de permanência no Brasil, saiu por assim dizer do cartaz, passando a levar uma vida quase reclusa, inteiramente afastado das rodas literárias. [...] A sua carreira literária parecia encerrada; e embora não se tratasse de um velho dava-nos a impressão melancólica de um crepúsculo (*Correio da Manhã*, 21/03/1959, p. 9).

Diante do acontecido, a figura de Botto retornou aos holofotes da mídia. Várias homenagens e retrospectivas de sua trajetória no Brasil foram publicadas no intento de honrar a memória do escritor que se exilou no país e comungou da amizade de vultos importantes do meio cultural brasileiro, como Carlos Drummond de Andrade e Lúcio Cardoso (KLOBUCKA, 2016). Apesar de repetirem continuamente muitas das supostas proezas do poeta português, salientou-se também o seu declínio enquanto figura literária, além de apontarem as contradições e as imprecisões de sua conturbada personalidade. Estas notícias relembravam diversos pontos notáveis da vida do poeta, tais como sua suposta consagração mundial, com a enumeração dos seus vários admiradores ilustres; o destaque sobre as traduções dos seus livros para os mais diversos idiomas, em que era acentuado o seu impacto na cultura global; e até mesmo, alguns fatos inusitados como ele ser membro da inexistente Academia Portuguesa de Letras, “onde ocupava a cadeira número 63” (*Última Hora*, 09/03/1959, p. 3); o encontro fortuito com o diretor de cinema Frank Capra, vencedor de três estatuetas do Oscar de Melhor Diretor, que o convidou para atuar como Hamlet, numa adaptação do texto de Shakespeare (*Diário da Noite*, 30/10/1947, p. 2); além da afirmação de que o poeta tinha sido hóspede oficial da Rainha da Inglaterra, devido a sua cultura e personalidade (*Correio da Manhã*, 17/03/1959, p. 4). Todos esses fatores foram inces-

santemente difundidos e repetidos, em maior ou menor grau, em praticamente todas as ocasiões em que Botto fora comentado nos periódicos brasileiros, seja em entrevistas ou em reportagens e notícias informativas, desde o momento do desembarque no Brasil e corroboraram e ajudaram a forjar a mitologia em torno de sua vida fabulada.

A chegada de Botto ao país animou bastante a intelectualidade brasileira, ansiosa por receber de maneira permanente a figura de um poeta que era bastante respeitado e popular em Portugal, e aparentemente em toda a Europa. A excitação inicial dos círculos literários e a significativa atenção dispensada pela mídia sobre a chegada do poeta demonstram que ele era uma celebridade literária no país, ainda que seus trabalhos não tivessem sido publicados por editoras brasileiras e a circulação fosse restrita. Todavia, é possível encontrar um número relevante de comentários, anúncios de vendas dos seus livros importados, publicação de poemas, novelas e contos, além de elogios ao gênio literário do poeta, nos jornais e revistas. Um anúncio comercial de *Canções*, publicado num jornal do Rio de Janeiro em meados da década de 1940, traz um interessante panorama de como as estratégias de Botto de consagração, que já vinham sendo realizadas há anos em Portugal, reverberavam na mídia brasileira e ajudavam a construir a figura que fora recebida animadamente alguns anos mais tarde:

António Botto é hoje uma das mais altas e mais puras expressões da literatura portuguesa. Seu nome ilustre já ultrapassou os limites de sua pátria para projetar-se nos centros mais adiantados da cultura mundial, e seus livros, traduzidos para o francês, o inglês, o espanhol, tem um número imenso de leitores. Para se avaliar o renome de António Botto, basta dizer que seu livro de contos, o seu belo livro de contos, devemos frisar, e adotado oficialmente nas escolas públicas da Irlanda, e recomendados às escolas de Portugal por S. Excl. o Cardeal Patriarca Dom Manuel Gonçalves de Cerejeira. Nada mais, pois, é preciso dizer sobre o livro de um tão grande poeta, em quem a crítica estrangeira celebra como um marco da beleza, um excelso burlador de versos, um espírito, cuja sensibilidade é das mais finas e delicadas. A livraria H. Antunes trazendo ao Brasil os livros de António Botto presta um magnífico serviço às letras brasileiras (*Jornal do Brasil*, 30/07/1944, p. 9).

Assim, Botto foi recebido como “um dos maiores poetas” e até mesmo como “o maior poeta vivo” de Portugal, epítetos que foram reiterados inúmeras vezes, pelos mais diversos periódicos, durante os anos em que viveu no Brasil. Tal lugar dispensado ao poeta, além da influência da sua rede de sociabilidade literária e intelectual, composta por escritores e outros agentes do meio cultural brasileiro, foi responsável pelo destaque que ele usufruiu e que foi sendo arrefecido com o passar dos anos. Por causa dessa rede, Botto participou de homenagens e recitais, ministrou palestras sobre diversos assuntos, participou como colaborador em vários periódicos, atuou em programas radiofônicos sobre a cultura portuguesa e parti-

cupou de encontros com políticos e outras personalidades importantes no contexto brasileiros daquele momento, tal como a comitiva portuguesa que foi recebida pelo Presidente Café Filho em 1955 (MARTINS, 2013, p. 14). Botto, assim como outros de seus conterrâneos, soube bem aproveitar as benesses da hospitalidade da intelectualidade brasileira aos artistas lusos, demonstrando que fora bem recebido e que teve inúmeras oportunidades para dinamizar sua carreira.

Um dos principais mecanismos ativados para este reconhecimento no Brasil foi como Botto se valia das relações reais e imaginárias com os grandes nomes da literatura e da cultura portuguesa e mundial, que supostamente proferiram discursos laudatórios acerca de sua genialidade literária. Foram muitos os nomes arrolados pelo poeta: Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, Federico Garcia Lorca, Miguel de Unamuno, James Joyce, Virginia Woolf, André Gide, Rudyard Kipling, Paul Valery, Luigi Pirandello, Lawrence Olivier, Frank Capra, T.S. Elliot, Arnold Toynbee, o Duque de Windsor, dentre outros. Anna Klobucka alega que é razoavelmente seguro afirmar a natureza puramente fictícia da maioria dos comentários destes escritores e intelectuais empregados por Botto nas apresentações de seus livros ou citados ao longo de inúmeras entrevistas (2009, p. 68).

O enaltecimento de Botto por parte de escritores que o admiravam, tal como o espanhol Miguel de

Unamuno, pode ser visto na citação a seguir, apresentada como sendo de um excerto de crônica publicada no jornal argentino *La Nación*, e incluída no livro *Fátima – Poema do Mundo*, de 1955. É importante indicar que não há registros de passagens de António Botto na Espanha, e muito menos na Universidade de Salamanca, tal como é narrado no suposto comentário do escritor espanhol:

António Boto, do clarão da alma universal, que sentimos em toda a sua obra, deu-nos toda essa profunda humanidade que há na vida e no amor, – em romances, contos, novelas, cartas, poemas, canções, e sonetos magistrais de originalidade, através do sentido puro de grande mestre que é da língua portuguesa. Convidado, por mim, para ir a Salamanca, quando Reitor da Universidade, tive ocasião de o ouvir. Recitou para uma sala cheia de artistas, de escritores, e de senhoras e catedráticos. O triunfo daquela sua voz na dicção extraordinária de sons musicais, entrecortadas por silêncios em que o domínio da emoção fez prodígios de encantamento, eu, – nada lhe pude dizer. Emocionado, abracei-o, comovidamente rendido a um verdadeiro Deus da Poesia. (BOTTO, 1955)

Uma das figuras que Botto mais explorou em suas fictícias relações foi com o poeta espanhol Federico Garcia Lorca, que teria sido um dos seus maiores admiradores ilustres. Devido à suposta amizade entre os dois escritores, tanto lembrada pelo poeta português ao longo dos anos, Botto foi apontado como especialista na obra do espanhol, chegando a ministrar conferências sobre ele no momento de sua chegada ao

Brasil, dada a pretensa relação de longa data. Numa reportagem sobre a palestra que seria ministrada no Teatro Municipal de São Paulo sobre a obra de Lorca, o poeta português ressaltou a intimidade entre os dois escritores: “O meu grande e querido Garcia Lorca! Tenho dele duzentas cartas, que são duzentos primores! Foi um amigo muito amado, um quase irmão. Farei luz sobre muitos aspectos desconhecidos da sua vida e da sua morte” (*Diário da Noite*, 10/10/1947, p. 2). Anna Klobucka afirma que a relação entre Lorca e Botto não passou de um dos elementos do universo virtual que o poeta português tanto se esforçou em criar e apresentar como aspectos de sua trajetória real. Segundo a pesquisadora, o contato unilateral que Botto tentou traçar com Lorca não passou do envio de *Canções* em 1923, sem prolongamento da comunicação entre ambos (2009, p. 71).

No entanto, tais relações de Botto, que por vezes foram facilmente presumíveis que se tratassem de fingimento, foram notadamente utilizadas pelos detratores do poeta nos periódicos brasileiros, que as utilizavam como motivo de escárnio, dado o seu aparente absurdo. Apesar do tom amistoso no momento de sua chegada, cada vez mais comentários jocosos, pilhérias contra sua personalidade e acerca das polêmicas em que esteve envolvido, ainda como o ceticismo sobre a veracidade das informações tanto repetidas por Botto, passaram a surgir nos jornais com certa frequência. Dentre observações que o tratavam

como cabotino ou como “clown da vida real” (Letras e Artes, 19/11/1950, p. 2), o escritor Dalton Trevisan em artigo da revista *Joaquim*, ainda em 1947, alertava contra o poeta: “António Botto, segundo o Doutor António Botto, é o maior poeta vivo de Portugal e se ruim poeta é o seu maior poeta, pior para Portugal” (Joaquim, n. 15, 1947, p. 5). Numa pequena nota da coluna *Nos Bastidores*, no suplemento *Letras e Artes* do jornal *A Manhã*, um suposto comentário de Botto foi apresentado, em que claramente eram apontadas as contradições do discurso do poeta português, indicando o descrédito que já começava a se tornar uma constante em muitos comentários relativos à carreira do escritor no Brasil:

Em uma reunião em São Paulo, o poeta António Botto contava que, certa manhã, estava em seu palácio em Lisboa, entregue as delícias de um banho tépido quando o mordomo veio avisá-lo que Mário de Andrade estava na sala ansioso por conhecê-lo. Um dos presentes observou: “– Mas Mário de Andrade nunca esteve em Lisboa...”. O poeta António Botto, sem se perturbar assegurou: “– Então estou enganado. Deve ser sido Joyce ou Thomas Mann quem me visitou...” (Letras e Artes, 16/10/1949, p. 14)

Um outro aspecto das estratégias frequentes utilizadas por Botto foi o seu hipotético impacto na cultura global, representado pelas inúmeras traduções de sua obra e o alcance delas ao redor do mundo. Era comum que fossem abordados nas reportagens e en-

trevistas elementos como o fato de o poeta ser “dono de imensa bagagem literária, com várias obras traduzidas para quase todos os idiomas” (*Diário da Noite*, 13/03/1959, p. 10). Há periódicos que corroboram a existência de tais traduções, destacando que a imensa obra do poeta fora traduzida para quatorze (*Última Hora*, 17/03/1959, p. 5), ou até mesmo vinte línguas estrangeiras (*Revista da Semana*, 19/05/1956, p. 19). De acordo com as evidências, somente duas obras foram de fato traduzidas naquele momento: *O Livro das Crianças*, de 1935, e *Canções*, traduzida por Fernando Pessoa para o inglês, publicada em 1948 numa edição de autor, e apenas em 2010 para o grande público. É interessante então refletir como o poeta utilizou destas supostas traduções para legitimar sua relevância cultural e intelectual, num discurso que circulou ininterruptamente na mídia e que convenceu certamente uma grande gama de leitores, assim como muitos integrantes do campo literário e jornalístico, que acreditaram estar em diálogo com um escritor de renome mundial. Durante muito tempo, e em certos círculos, seguramente tais informações reverberaram de modo crível e Botto pôde viver o prestígio que almejava.

Em 1949, na edição de *Regresso*, o primeiro livro de Botto publicado por uma editora brasileira, a Círculo dos Livros, na seção acerca das principais obras do poeta publicadas e a publicar, o público teve contato com informações sobre uma vasta obra, com diferentes traduções para o espanhol, francês, in-

glês, castelhano, alemão, grego e russo. No prefácio de apresentação do poeta, o escritor Barros Ferreira afirma que *Canções* foi traduzido para o inglês e que é muito apreciado na Inglaterra, “país de grandes poetas”. Além disso, o prefaciador ainda enaltece o impacto de Botto no Brasil, afirmando que devido à suavidade que perpassa a sua literatura, Monteiro Lobato trazia em sua carteira, para ler aos amigos, a pequena novela *As três peneiras*, que considerava “mimo de delicadeza e mundo de pedagogia”, pois era “um diamante da literatura universal”. Sendo assim, o talento e gênio literário do poeta português eram corroborados pela chancela da apreciação de uma cultura do primeiro mundo, a Inglaterra, e a benção de um grande nome da literatura brasileira. Ainda que o tom do prefácio seja majoritariamente de exaltação ao talento literário do escritor lusitano, Ferreira lembra que “podem fazer-se algumas restrições em torno de certas atitudes de António Botto, sua poesia, porém, é das mais puras” (BOTTO, 1949, p. 4-5). Embora não fique explícito a quais restrições o prefaciador se referia, podemos conjecturar que se tratasse da homossexualidade do poeta ou da já má afamada personalidade de Botto.

A seção que indicava as principais obras publicadas e a publicar de *Regresso* ainda aponta outra característica das estratégias de Botto na construção de sua importância literária e intelectual: as obras inventadas. Para além da literatura, Botto, nesta se-

ção, almeja convencer seus leitores acerca de sua intelectualidade, com a promessa de obras de caráter jornalístico e sociológico, como as biografias políticas *Juan Péron, o estadista perfeito* e *Truman e a América do Norte*, além das supostamente publicadas, e esgotadas em várias traduções, *Adolfo Hitler* e *Mussolini*. Ainda são elencadas as futuras publicações de *França ensanguentada*, *Cartas de Federico Garcia Lorca*, os dez volumes de suas *Memórias* e os vinte volumes de *Brasil, Pátria de Todos*. Também são listados os inexistentes romances *Nem tudo pode ser nosso* e *Pensão Conselheiro Nébias*.

Em diversos periódicos, Botto aumentou a quantidade de suas obras ou afirmou estar trabalhando em livros inexistentes. Por exemplo, em 1956, enquanto esteve internado na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, momento quando voltou aos holofotes graças às reportagens que atestavam sua pobreza e estado de indigência, o poeta afirmava ter quatro livros inéditos em Portugal a serem publicados, além dos outros setenta já editados ao redor do mundo, assim como ainda pretendia editar um livro sobre o Brasil, em parceria com o artista Cândido Portinari (*Diário de Notícias*, 04/05/1956, p. 9). Para outro periódico afirmou: “Possuo vários livros inéditos. Nos Estados Unidos, desejam fazer uma edição imensa das *Canções*. Será mais uma tradução de obra minha, a qual virá juntar-se às muitas dezenas existentes”. Ainda pontua ao repórter: “Não sei se sabe que Ki-

pling traduziu para o inglês dois romances meus, *A nuvem* e *Ele que diga se eu minto*” (*Revista da Semana*, 19/05/1956, p. 20). Também afirmou, noutro periódico, que estava trabalhando num livro de poemas, *O poeta adoeceu*, que exploraria a sua doença e os eventos em torno de sua internação, além de outros assuntos recentes, tal como poemas em homenagem aos estudantes que haviam se manifestado em favor dos mais pobres no Rio de Janeiro (*Jornal do Brasil*, 08/07/1956, p. 2). No momento de seu acidente e morte, noticiou-se que havia deixado duas obras a serem publicadas: o real *Ainda não se escreveu* e o inventado *Os mastros do meu navio* (*Diário da Noite*, 13/03/1959, p. 10). Ou seja, o tom hiperbólico em relação à sua própria produção foi um dos principais assuntos de suas entrevistas para os periódicos brasileiros, com destaques para obras que estavam em contínuo processo de criação, mesmo nos anos em que esteve mais afastado da atividade e círculos literários. Durante o período em que viveu no Brasil, apenas três obras inéditas foram publicadas: *Regresso* (1949), *Fátima – Poema do Mundo* (1955) e o póstumo *Ainda não se escreveu* (1959).

Somam-se às estratégias arroladas, fatos inventados das mais diversas ordens, mas todos atrelados ao esforço de compor a constelação de grandezas que forjaram o mito da figura literária de Botto. Um deles é o seu suposto cosmopolitismo, que revelava um homem viajado e conhecedor dos principais

centros urbanos e das mais variadas culturas. No momento da internação de 1956, em meio às reportagens sensacionalistas que ressaltavam o estado de pobreza que o afetava, o poeta buscava incessantemente apresentar versões que o retiravam da pecha de indigente, que muitos dos periódicos buscaram lhe imputar:

António Botto, não obstante, sua fama universal, parece ter sido esquecido pela colônia portuguesa do Brasil, pois não se compreende que continue internado numa simples enfermaria da Santa Casa, possuindo como possui, grandes fortunas em Portugal, as quais para cá não veem por questões políticas e econômicas criadas pelo governo do seu país [...] António Botto já percorreu vários países do mundo, dentre os quais a Alemanha, Itália, Rússia, Iugoslávia, Inglaterra, etc. No Canadá trabalhou na Rádio Canadá, num programa em que atuava também a estrela Peggy Lee (*Diário de Notícias*, 04/05/1956, p. 9).

Embora impossível de comprovar empiricamente a veracidade de todas as viagens, é presumível que se trataram de mais amostras de sua criação acerca de sua própria trajetória. Fora as comitivas nas colônias africanas durante o tempo de serviço público (1924-25) e a ocasião de ter acompanhado o infante da Coroa espanhola D. Luis Fernando de Orleans y Bórbon numa viagem de Portugal à Itália (1927), além da travessia para o Brasil (1947), parece provável que estes eventos narrados também só foram elementos da fabulação do poeta, colocando-se como elemento

fascinante de importância real e de abrangência global (KLOBUCKA, 2018, p. 41).

Não foi à toa que o Botto fora tão festejado no momento de sua chegada ao Brasil, pois também correspondia às expectativas cosmopolitas da intelectualidade brasileira. Ao menos, por um instante, Botto correspondeu a isso, antes de ficar mais evidente que sua realidade virtual, muitas vezes contraditória, não era o suficiente para acender o interesse na sua pessoa e numa obra literária com claros sinais de cansaço, aquém de sua potencialidade do passado segundo a crítica literária, que ainda ansiava pelo poeta dos primeiros anos.

Considerações finais

Um leitor desavisado do considerável espólio dos rastros deixados por António Botto nas páginas dos periódicos brasileiros e portugueses encontra com uma das maiores figuras literárias de maior envergadura da primeira metade do século XX. Botto, ao menos na ficção criada por ele mesmo, transcendeu a posição periférica de Portugal na Europa e os limites do alcance da literatura em língua portuguesa, naquele momento praticamente não traduzida para os idiomas de maior circulação, e tornou-se uma celebridade mundial, colocada a par de igualdade com os grandes escritores daquele momento.

Apesar da criatividade do poeta parecer inabalável, pois até o último instante ele continuou a repetir suas criações fictícias acerca de sua carreira, os excessos transformaram-no numa espécie de caricatura de si próprio. A controversa personalidade de Botto, que causou incômodos de vários motivos no campo cultural e que já era um empecilho durante sua vida, tornou-se também um fardo para sua memória e sua consequente avaliação pela crítica posterior, que deu notável atenção às suas atitudes megalomaníacas (SALES, 1997). Neste sentido, o escritor torna-se uma figura bastante singular no campo literário se pensarmos a forma como lidou com a construção do seu próprio legado, seja na manutenção constante do impacto no passado em que foi peça de destaque nas discussões intelectuais e da participação dos círculos literários com as mais destacadas personalidades, seja na forma como se apresentava no presente, através das suas supostas proezas e reconhecimento social, assim como forneceu tais informações para a construção de sua apreciação futura.

O historiador François Dosse aponta que durante séculos, as biografias apresentaram-se como a exposição das vias de realização teleológica que tornava o escritor, no caso das narrativas de vida das figuras literárias, um indivíduo já dotado desde seu nascimento de todas as qualidades requisitadas para se tornar um criador excepcional (2020). Botto, seguindo essa marca dos textos biográficos tradicionais, tratou de

construir para si um passado glorioso, desde a sua infância, bem contrastante com sua história real nos bairros populares de Abrantes e de Lisboa. Em várias entrevistas, o poeta teceu as narrativas fictícias sobre os anos de estudos na Inglaterra quando adolescente, além do suposto encontro com o célebre escritor Guerra Junqueiro, que o influenciou precocemente para a atividade literária, tudo sem perder as suas credenciais de um poeta do povo, marcadamente familiarizado com os bairros populares de Lisboa e com a sua cultura artística (KLOBUCKA, 2009, p. 74). Resaltar esses elementos era uma forma de criar uma mitologia em torno do seu eu-escritor, tão ansioso de ultrapassar as barreiras limitadoras de sua trajetória.

Infelizmente, a despeito de todas as promessas, Botto não publicou seus vários volumes de memórias, nem uma autobiografia reavaliando sua própria obra e legado. Todavia, realizou-a, ainda que de forma fragmentária e involuntária, nos periódicos que se interessaram por entrevistá-lo, resenhá-lo, caricaturá-lo. A imprensa foi o palco para suas elucubrações cada vez mais criativas, a ponto de suas histórias tornarem-se cada vez mais inverossímeis, principalmente no tocante à sua condição econômica e ao seu destaque intelectual e literário, a ponto de o poeta morrer quase como um desconhecido, como atestam as reportagens nos jornais brasileiros no momento de seu falecimento.

Mas, antes do eventual ostracismo, as estratégias criadas por Botto, pelas quais ele buscou se autorrepresentar, foram bastante eficazes para seu projeto literário e o lugar que queria ocupar, mesmo com toda a indisposição de seus congêneres. Os fatos fictícios e reais ocuparam as notícias e reportagens que se dedicaram a traçar perfis, curiosidades e polêmicas sobre sua pessoa, sem maiores oposições acerca de sua veracidade, mesmo que comentários cada vez mais desconfiados surgissem no horizonte. Todavia, toda uma gama de leitores foi convencida por tais façanhas inventadas, fossem estes jornalistas ou o público geral. Assim, como exemplo da recepção da ficção inventada por Botto sobre si próprio, é interessante ler a carta de um leitor anônimo, publicada no *Jornal do Brasil* em 1958, que tinha o intuito de atacar o crítico Mário Faustino e o seu texto sobre o lançamento do livro de poesias de Homero Homem, *Calendário Marinheiro*. A fim de destratar o crítico, o criticado e outros grandes nomes da literatura brasileira e portuguesa, o leitor compara-os com o talento de Antônio Botto, destacando sua influência e seu impacto cultural no mundo:

[...] esse deus sem divindade nenhuma [Carlos Drummond de Andrade], fez toda a sua obra sobre a obra de Antônio Botto e Fernando Pessoa. [...] Antônio Botto apareceu antes de Fernando Pessoa (...) e a sua poesia (de AB) foi imitado pelo próprio FP no Ricardo Reis das "Odes". E veja a última edição de Canções o Fernando Pessoa numa nota declara-se discípulo de Antônio Botto. [...] A obra de AB influenciou a França, a

Inglaterra, o próprio Elliot, Itália, Espanha, através do Federico Lorca, Brasil e Portugal, sem faltar a América do Norte e a Argentina, embora tenha que lhe dizer que no Brasil não há um poeta de envergadura. Schmidt, Bandeira e o seu Drummond mais o Vinícius ou o Jorge de Lima – são pedaços da monumental simplicidade desse gênio que os meninos da Presença (Régio, Casais...) (*Jornal do Brasil*, 13/04/1958, p. 5)²

Se hoje, apesar do maior conhecimento a respeito de sua personalidade inventiva e das suas criações autobiográficas, tais fatos ainda confundem, era certamente muito difícil deixar de acreditar nos dados que circulavam amplamente na imprensa, assim como nas informações que acompanhavam os livros publicados de Botto.

² Apenas trechos da carta do leitor anônimo foram publicados no jornal, de modo que não foi concluída a linha de raciocínio no texto original, pois o jornalista apenas a ilustrou para destacar o disparate de tais informações.

Referências

- BOTTO, António. *Fátima: Poema do Mundo*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1955.
- BOTTO, António. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.
- BOTTO, António. *Regresso*. São Paulo: Clube do Livro, 1949.
- DOSSE, François. A biografia à prova da identidade narrativa. *Escritas Do Tempo*, Unifesspa, n.2, p.7-36, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1249>. Acessado em: 10 ago 2021.
- KLOBUCKA, Anna. A invenção do eu: apontamentos sobre a vida virtual de António Botto. *Forma Breve*, Universidade de Aveiro, n. 7. p. 61-78, 2009. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/6469>. Acessado em: 10 ago 2021.
- KLOBUCKA, Anna. As homopaisagens brasileiras de António Botto. *Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, Sorbonne, n. 9, p.89-102, 2016. Disponível em: *Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*. Disponível em: https://www.academia.edu/26337154/As_homopaisagens_brasileiras_de_Ant%C3%B3nio_Botto. Acessado em: 05 ago 2021.
- KLOBUCKA, Anna. *O mundo gay de António Botto*. Lisboa: Documenta, 2018.
- LUGARINHO, Mário César. “Literatura de Sodoma”: o cânone literário e a identidade homossexual. Gragoatá, Universidade Federal Fluminense, n. 14, p.133-145, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33451>. Acessado em: 08 ago 2021.
- MARTINS, Ricardo Marques. Artimanhas de Eros: aspectos do erotismo e do esteticismo na poética de António Botto. 145p. Tese (Doutorado em Estudos Literário) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2013. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/2890.pdf

PITTA, Eduardo. “Toda ousadia será castigada”. In: BOTTO, António. Poesia. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.

SALES, Antonio Augusto. António Botto no Brasil. Disponível em Estrolábio: <https://estrolabio.blogs.sapo.pt/tag/ant%C3%B3nio+botto> (2011). Acesso em 15 de jun. de 2020.

PITTA, Eduardo. *António Botto: real e imaginário*. Lisboa: Livros do Brasil, 1997.